

# Economizando

... sob a luz do conhecimento

Por Jayme Salomão

Crises geram mudanças – algumas para pior, outras para melhor. A maior crise vivida pelo setor brasileiro de iluminação brasileiro nos últimos 10 anos foi o “Apagão” – período de escassez no fornecimento nacional de energia, ocorrido em 2001, que causou *black-outs*, racionamento, mudança nos hábitos dos cidadãos.

O consumo e, conseqüentemente, o comércio de lâmpadas no país sofreram uma alteração brusca e repentina devido à informação distorcida difundida na imprensa, em geral, que transformou a incandescente em vilã do momento e exaltou a fluorescente compacta como única solução possível. Mídias impressas, televisivas e até folhetos de campanhas informativas mostravam a ilustração de uma incandescente sob uma tarja ou um “x” vermelho – sinal de proibido. Da noite para o dia, o mercado despencou de 480 milhões de lâmpadas incandescentes por ano para 180 milhões!

A indústria sofreu um abalo irrecuperável naquele momento. E como se não bastasse a redução do consumo das incandescentes – produto de maior fabricação nas linhas de montagem nacionais – foi aberta a importação indiscriminada de fluorescentes compactas, encharcando as prateleiras dos distribuidores e lojistas com uma variedade incontável de marcas sem nenhuma certificação ou garantia de qualidade. Muitas chegavam a apresentar riscos de segurança ao consumidor. Surgiram importadores de todo lado, oportunistas, pessoas ou empresas sem nenhum



conhecimento do mercado ou de iluminação propriamente dita, com pacotes e mais pacotes de fluorescentes compactas debaixo do braço.

Lembro-me que fui algumas vezes a pontos-de-venda como supermercados e lojas fazer pesquisa, observar o comportamento do consumidor naquele momento, e cada um que entrava só queria saber de comprar fluorescentes compactas, mesmo custando mais de vinte reais a unidade. Eu perguntava: “*Não é melhor a senhora (ou o senhor) usar uma lâmpada de 60W em vez de uma de 100W, pagar apenas um real e reduzir o seu consumo em 20%, que é o que o Governo está pedindo?*” A resposta era quase sempre negativa, pois ninguém queria levar para casa aquela que era apontada por todos os canais de informação como sendo a inimiga número 1 da crise.

Quatro anos se passaram, o comércio de lâmpadas incandescentes não voltou aos patamares antigos – e possivelmente nunca voltará. Não apenas pelo “fenômeno Apagão”, mas também porque o desenvolvimento tecnológico não pára e surgem a cada dia novos modelos com características melhores sob inúmeros

aspectos, inclusive o de redução de consumo.

Quanto ao consumidor, algo mudou também. Muitos ficaram surpresos – e decepcionados – com fluorescentes compactas que queimaram em menos de uma semana, fazendo os suados vinte e poucos reais irem para o lixo. O desconforto causado pela luz fria em cômodos onde o que se quer é relaxar foi percebido por donas de casa e chefes de família. Muitas pessoas, hoje, já sabem que existem “fluorescentes mais amarelas” e começam a prestar um pouco mais a atenção nas marcas e informações das embalagens. O consumidor tornou-se mais exigente e interessado na aplicação de diferentes tipos de produtos.

A cultura da eficiência e conservação de energia continua sendo difundida e assim deve ser, progressivamente. É necessário, entretanto, que se conscientize o consumidor de que ele pode trocar uma incandescente comum por uma refletora, por exemplo, mantendo o mesmo rendimento, mas com menor consumo. É preciso informá-lo corretamente sobre como se beneficiar do desenvolvimento tecnológico e, principalmente, alertá-lo quanto à importância de investir em fornecedores confiáveis, que ofereçam, no mínimo, a garantia de um produto seguro e certificado.

Sob a luz do conhecimento economiza-se muito mais. ◀

*Jayme Salomão é Diretor Comercial da General Elétric do Brasil.*